A Revolução Haitiana no Brasil: ressonâncias no contexto escravista, na historiografia e nos livros didáticos

Luvens Ysral
Formando do Curso de Licenciatura em História, Unesc
Prof. Carlos Renato Carola
Orientador e professor do curso de Licenciatura em História, Unesc

Resumo: A Revolução Haitiana é um dos grandes eventos que mudaram o curso da história do mundo. Mas, essa história ainda não é reconhecida por seu justo valor. Neste artigo, eu pretendo analisar a representação da Revolução do Haiti na historiografia e no ensino de história no Brasil. A análise mostra a importância desse processo revolucionário para o contexto das Américas, especialmente no que se refere ao Brasil escravista do século XIX, onde a revolução dos escravizados exerceu um impacto simbólico e político sobre as elites e as classes populares. No campo historiográfico, o artigo explora abordagens de historiadores como Marco Morel (2017), Luã Carvalho (2021), João José Reis (1986) e C. L. R. James (1938), que ressaltam a relevância do Haiti como primeiro país da América a abolir a escravidão, desafiando estruturas de poder racistas e coloniais. O trabalho também examina como os livros didáticos apresentam a Revolução Haitiana, abordando as narrativas textuais, o uso de imagens e as atividades propostas aos alunos. O trabalho foi realizado na perspectiva decolonial, onde procuro fugir do olhar ocidental para compreender a dimensão do impacto social dos revolucionários de São Domingos.

Palavras chaves: Revolução Haitiana, Historiografia, decolonialidade, livros didáticos.

Resumen. La Revolución Haitiana es uno de los grandes acontecimientos que cambió el curso de la historia mundial. Sin embargo, esta historia aún no se reconoce a su valor razonable. En este artículo pretendo analizar la representación de la Revolución haitiana en la historiografía y la enseñanza de la historia en Brasil. El análisis muestra la importancia de este proceso revolucionario para el contexto de las Américas, especialmente en el contexto de Brasil esclavista del siglo XIX, donde la revolución de los esclavizados tuvo un impacto simbólico y político en las élites y clases populares. En el campo historiográfico, el artículo explora abordajes de historiadores como Marco Morel (2017), Luã Carvalho (2021), João José Reis (1986) y C. L. R. James (1938), quienes resaltan la relevancia de Haití como el primer país de América Latina en abolir la esclavitud desafiando el poder de estructuras racistas y coloniales. El trabajo también examina cómo los libros de texto presentan la Revolución haitiana, abordando las narrativas textuales, el uso de imágenes y las actividades propuestas a los estudiantes. El trabajo se realizó desde una perspectiva descolonial, donde busco escapar de la mirada occidental para comprender la dimensión del impacto social de los revolucionarios de São Domingos.

Palabras clave: Revolución haitiana, Historiografía, descolonialidad, libros de texto.

Introdução

Haiti é um território localizado na região da América Central, especificamente no mar do

caribe, é uma pequena ilha com cerca de 27.700 km ²; é a ilha mais populosa do caribe, com uma população de um pouco mais de 11 milhões de habitantes. Sua capital é Porto Príncipe. Foi a primeira ilha "conquistada" por Cristóvão Colombo, em 1494, localizada no lado ocidental da Hispaniola. Foi o primeiro país independente a destituir a escravidão (1794).

Antes de abordar a revolução Haitiana e sua representação na historiografia Brasileira, é muito importante contextualizar a época e os acontecimentos que levaram a esse evento. A revolução Haitiana sempre foi ignorada, ofuscada e abafada por medo da influência subversiva da ousadia da população negra e dos preconceitos e estereótipos das potências capitalistas e racistas do hemisférico ocidental. Para os escravocratas do século XIX, a independência do Haiti foi um ato a ser corrigido porque ameaçava transformar o mundo. Por isso, o país passou a sofrer perseguições internacionais logo depois da proclamação de independência em 1804, com embargo de todo tipo. Atualmente, a primeira república negra e o segundo país independente da América é o país mais empobrecido do continente. Por que diferente da maioria, eu uso o verbo "Empobrecer" ao invés de dizer que é o país mais pobre da América? Se tivermos a vontade de estudar e compreender o processo histórico de libertação do Haiti, entendermos porque existe tanta pobreza na ilha.

Um exemplo que poderíamos pegar aqui, é a indenização de cerca de 150 000 000[1] de francos que foi imposta pela França depois que a população negra conquistou a sua independência, valor que foi reduzido a 90 000 000 francos em 1838 (valor equivalente a 21 bilhões de dólares em 2004) e que foi paga para França a partir de 1825[2]. Esta exigência da França colonialista, que teve o apoio dos outros países colonialistas e também dos governos dos novos países americanos, foi um dos eventos mais absurdos que aconteceu na história do Ocidente. O governo francês exigiu esse valor para compensar os senhores que perderam suas propriedades durante a revolução. E, foram fatos similares que arruinaram o crescimento do país, como a invasão dos Estados Unidos da América em 1914 que ocupou o país até 1934.

Esse trabalho aborda a história da Revolução Haitiana na perspectiva decolonial. Traz uma discussão por muito tempo silenciada por motivos puramente racistas e imperialistas. Eu aqui, escrevendo este artigo na condição de imigrante Haitiano refugiado no Brasil, é mais um exemplo que poderia deixar explícito que nada está indo bem no Haiti que até hoje está pagando o preço da revolução. Como lembra Silvio Almeida (2019, p. 20), "os mesmos que aplaudiram a Revolução Francesa viram a Revolução Haitiana com desconfiança e medo, e impuseram toda a sorte de

---

[1] Informação disponivél no site do New York times, ultimo acesso 23/10/2024 https://www.nytimes.com/live/2022/05/23/world/haiti-france-ransom#:~:text=Haiti%20became%20the%20world's%20only,%24560%20million%20in%20today's%20dollars.

[2] Editorial publicado pelo jornal THE NEW YORK TIMES, publicado 20/05/2022. disponivel https://www.nytimes.com/2022/05/20/world/americas/haiti-history-colonized-france.html último acesso 05/11/2024

obstáculos à ilha caribenha, que até os dias de hoje paga o preço pela liberdade que ousou reivindicar."

Eu cheguei no Brasil em agosto de 2019, um mês depois que fiz a prova final do ensino médio. Desde 2019 até hoje não recebo notícias de melhorias da ilha. Em 2021 o presidente Jovenel Moïse foi assassinado[3], a justiça nacional e os USA estão procurando os agentes envolvidos neste caso e até a presente data não houve resultados concretos. Eu perguntaria assim, por que toda essa atenção da parte dos USA em tudo que acontece na ilha? Enfim, esse parágrafo é somente para falar sobre o que se tornou a primeira república negra do mundo. Após mais de 200 anos de sua independência, o Haiti continua na luta contra as potências imperialistas, mas sem autoridade política reconhecida e nem soberania nacional. O país vive atualmente numa desordem social angustiante, com seus jovens espalhados pelo mundo inteiro. Eu acredito que o Haiti não vai conseguir se reerguer sozinho neste mundo globalizado. Dado a sua importância histórica, este trabalho também pretende contribuir com a luta pelo reconhecimento internacional da dignidade do povo haitiano. Acredito que a partir desse reconhecimento o país poderá ganhar força política suficiente para a nova fase da sua luta.

O objetivo principal deste trabalho foi analisar as conexões da Revolução Haitiana com o Brasil escravista e o seu lugar que ela ocupa na historiografia e no ensino de história no Brasil, considerando sua importância histórica para uma educação antirracista. Dessa forma, o trabalho é dividido em quatro partes centrais. Em primeiro lugar, tendo em mente o público Brasileiro que não está familiarizado com o tema, brevemente eu contextualizo o evento falando sobre a época colonial para entender o caminho da revolução. Em seguida, procuro entender o conceito de revolução numa perspectiva decolonial, entender que a Revolução de São Domingo tem suas particularidades e que é preciso fugir do olhar ocidental para entender o processo histórico do Haiti.

Formulei algumas perguntas para orientar a pesquisa. No campo conceitual, as perguntas foram: Quais são as características de uma revolução? Existe algum modelo de revolução? Eu ligo essa análise com a Revolução Haitiana para um melhor entendimento do processo histórico. Em terceiro lugar, procuro entender a ligação dos acontecimentos de São Domingo com o Brasil escravista a partir de uma análise bibliográfica com historiadores especializados no assunto. Existe alguma ligação da revolução Haitiana com o Brasil? Se sim, como foi essa ligação? Quais foram os impactos das notícias dos acontecimentos do Haiti na sociedade Brasileira? Quais foram os comportamentos dos escravocratas Brasileiros, os escravizados e as pessoas livres em meio a essa atmosfera?

---

[3] Para aprofundar mais sobre o assunto, acesse aqui https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57752302 último acesso 23/10/2024.

Aconteceram várias revoltas no primeiro reinado no Brasil. As revoltas populares aconteceram justamente após a primeira revolta de escravizados bem-sucedida e que resultou na primeira república negra do mundo. Pergunta: a revolução Haitiana teve alguma influência direta ou indireta nessas revoltas? E por fim, eu faço uma análise da representação da revolução do Haiti nos livros didáticos publicados recentemente, em 2022 por Vainfas Ronaldo e Adriana Machado Dias. Eu selecionei dois livros para realizar esta análise, o objetivo foi entender o espaço que a Revolução Haitiana ocupa nesses livros e como é tratada a revolução.

Para realizar a análise bibliográfica, foram utilizadas algumas orientações metodológicas elaboradas por Circe Bittencourt (2008), entre elas: a análise de como o conteúdo é apresentado; uma análise da ideologia presente nos livros selecionados, análise das imagens e as interpretações historiográficas presentes no livro, ou seja, quais correntes historiográficas e narrativas são privilegiadas ou marginalizadas e como isso influencia a formação da consciência histórica dos alunos.

Breve apresentação da época colonial…

Segundo o historiador haitiano Jean Julien (2004), a ilha que recebeu o nome de Hispaniola era habitada por indígenas chamada “Taínos” quando foi invadida pelos espanhóis, em dezembro de 1492. Os Taínos chamavam a ilha de Ayiti, que significa "terra alta, terra de grandes montanhas", um nome que reflete as características geográficas da região. Historiadores como Blancpain, que é especializado no assunto, e o historiador Jean Julien, dizem que não tem como saber quantas pessoas habitavam a ilha quando os espanhóis invadiram, mas alguns historiadores espanhóis falam de 2 milhões de Taínos. Bom, mesmo que não tenha números exatos quando os europeus chegaram, pesquisas mostraram que:

> Em 1514, havia 26 mil índios; em 1548, restavam apenas 500 vivendo. Este genocídio deve-se, em parte, à sede de ouro dos espanhóis que fizeram com que os índios trabalhassem nas minas de ouro, em condições penosas e, além disso, agravado por massacres, fome e doenças microbianas importados, involuntariamente, da Europa, como varíola, gripe, sarampo, cólera, tuberculose, etc[4]. (BLANCPAIN, 2016, p. 16, tradução livre).

A colonização espanhola, no entanto, não se concentrou intensamente na ilha após a descoberta de metais preciosos em outras partes das Américas. Isso permitiu que, ao longo do século XVII, especificamente a partir dos anos 1630, a parte ocidental de Hispaniola fosse gradualmente ocupada por piratas e corsários franceses.

Segundo Blancpain, os espanhóis os atacaram e foram expulsos do local, só que eles

[4] Assinalando aqui que as traduções das citações diretas do historiador Blancpain são traduções livres. Isso porque o livro utilizado está no idioma português.

tomaram o controle da ilha de novo em 1660 até invadiram a colônia espanhola e tomaram a parte norte da ilha. Os espanhóis não desistiram. Mesmo perdendo a posse do território, travavam uma guerra disputando a ilha e no final do ano de 1697: "Uma tropa espanhola de 550 soldados preparava-se para invadir mais uma vez a Planície do Cabo, quando souberam da assinatura da paz em Ryswick em 20 de setembro de 1697, depois de quatro meses e meio de disputas" (Blancpain,2016. p 25-26).

O tratado de Ryswick foi um acordo assinado entre a França e a Espanha que cedeu a parte ocidental da ilha Hispaniola para a França e a leste para a Espanha. Os Franceses chamaram a parte ocidental de Saint Domingue.[5] Então, foi a partir de 1697 que a ilha foi dividida em duas partes que até os dias atuais, uma parte fala espanhol e a outra fala francês e Haitiano.

Em 1681, segundo Blancpain (2016, p 23), a colônia era composta por 2.102 escravizados negros, 4.336 brancos e 210 "homens de cor". Ou seja, a população negra era menor e mesmo assim, eles lutaram pela sua liberdade. Cada mês, cada ano que passava, os proprietários traziam mais capturados negros para a ilha:

> Em 1700 não havia fábrica de açúcar em funcionamento em São Domingo e a população não ultrapassou 14.000 pessoas, inferior à de Martinica. E cada vez mais aumentava o número de escravos, os barcos negreiros de escravos depositavam lotes cada vez maiores. A separação entre o número de escravos e o de brancos crescia constantemente e sem que ninguém se preocupasse [...] Em 1789 havia 793 fábricas de açúcar e mais de 500 mil pessoas, incluindo cerca de 30.000 pessoas brancas, 30.000 pessoas de cor livres e provavelmente mais de 500.000 escravos… (BLANCPAIN, 2016. p 30-39, tradução livre).

Trago esses números para destacar como a colônia foi crescendo rapidamente em relação à população, especialmente em relação às "pessoas de cor", livres e escravizados. Nesse cenário, a população estava dividida em quatro principais grupos: os brancos, os negros escravizados, os "mulatos" e os "engagés" (os engagés eram trabalhadores brancos pobres que vinham para a colônia para trabalhar por um período de tempo determinado). Cada grupo ocupava uma posição diferente no rígido sistema de castas raciais da colônia.

Os brancos eram a elite dominante: os "*grands blancs*[6]" (grandes brancos ou senhores), que eram os proprietários das grandes plantações e controlavam a maior parte da economia da colônia (BLANCPAIN, 2016. p 25-70). Depois, vinham os "mulatos" [7], eles formavam um grupo intermediário na sociedade colonial. Embora fossem descendentes de africanos e europeus, e muitos tivessem sido libertados por seus pais brancos, eles enfrentavam discriminação legal e social. Eram excluídos dos cargos políticos e militares, e não possuíam os mesmos direitos que os brancos.

---

[5] A partir de agora, eu utilizarei os nomes São Domingo ou Haiti para se referir a ilha.
[6] Era o nome dado aos colonos brancos na colônia de São Domingo.
[7] O termo mulato é o termo utilizado na historiografia haitiana para se referir às pessoas que nascem numa família em que um dos pais é branco e outro é preto.

Segundo o historiador haitiano Jean Julien (2004), muitos brancos reclamaram da posição social dos “mulatos” que pareciam ter o mesmo perfil social que eles. Isso porque alguns “mulatos” ficaram muito ricos, mas não tinham qualquer direito político. E, no nível mais inferior da hierarquia de classe, estavam os escravizados negros, a classe que sustentava a economia. A base da economia de São Domingos era a mão de obra escravizada. Os Africanos escravizados, trazidos da África, constituíam cerca de 90% da população da colônia no período pré-revolução.

A brutal exploração dos escravizados e as divisões raciais marcantes contribuíram para um crescente clima de insatisfação na colônia. Como mencionei, os “mulatos” livres estavam em uma posição peculiar: embora fossem livres e, em alguns casos, ricos, eram negados os direitos políticos. Devido a esse cenário, os “mulatos” passaram a reivindicar igualdade de direitos. No início do ano 1791, os “mulatos” tomaram as armas contra os brancos, mas foram derrotados rapidamente. Neste processo inicial de rebelião, as duas principais lideranças do movimento, os “mulatos” livres Jean-Baptiste Chavannes e Vincent Ogé, foram executados em praça pública. A execução pública dos revoltosos teve um efeito contrário ao esperado pelas elites brancas. Em agosto de 1791 foi a vez dos escravizados lutaram pela liberdade e eles venceram a última batalha contra a força armada francesa em 18 de novembro de 1803, proclamando a independência da Primeira República negra no dia 01 de janeiro de 1804 (BLANCPAIN, 2016, p. 67).

O conceito de Revolução: entre a visão ocidental e a perspectiva decolonial.

> A palavra surgiu durante o Renascimento como referência ao movimento dos corpos celestes, ganhando um significado político apenas no século XVII, com a Revolução Inglesa. Nesse período, revolução significava retorno à ordem política anterior que tinha sido alterada por turbulências. Assim, naquele momento, a Revolução Inglesa não foi entendida como a guerra civil e a ascensão de Cromwell, mas a volta à monarquia. Somente com a Revolução Francesa o termo ganhou o significado que tem hoje: o de uma mudança estrutural, convulsiva e insurrecional. (VANDERLEI, 2009. p 362).

O conceito de "revolução" vem sendo central nas narrativas históricas, especialmente no mundo ocidental, onde eventos como a Revolução Francesa, a Revolução Americana e a Revolução Industrial são frequentemente apresentados como marcos fundadores da modernidade. Porém, essa visão de mundo ocidental tem sido criticada porque ela tende a classificar alguns movimentos revolucionários “paradigmas de revolução” e ao mesmo tempo marginalizar outras experiências revolucionárias. Por exemplo, a Revolução Haitiana, que para muitos intelectuais como C.R.L James (1938) foi um dos movimentos mais significativos da história da humanidade, foi ocultado, abafado e marginalizado ou considerado como uma aberração nas referências ocidentais. Considero importante abordar e problematizar o conceito de Revolução porque por muito tempo, os países

colonizados adotaram o paradigma ocidental de modernidade, com a ilusão de que estariam no caminho do desenvolvimento civilizatório. Por isso, muitos intelectuais Latino-americanos e caribenhos estudaram mais a revolução francesa e inglesa ao invés de estudar as revoluções que aconteceram na nossa realidade. Intelectuais como José Martí(1891) perceberam esse problema há muito tempo (século XIX). Em "Nossa América", Martí problematiza as visões dos intelectuais americanos e as suas soluções para resolver os nossos problemas. Um elemento muito importante que ele evocou foi a questão da educação, onde questiona a formação dos nossos dirigentes:

> Como poderão sair das universidades os governantes, se não há universidades na América onde se ensine o rudimentar da arte de governo, que não é mais do que a análise dos elementos peculiares dos povos da América? Os jovens saem pelo mundo adivinhando as coisas com **óculos ianques ou franceses**, e pretendem dirigir um povo que não conhecem. Na carreira política dever-se-ia negar entrada aos que desconhecem os rudimentos da política. O prêmio dos concursos não deve ser para a melhor ode, mas para o melhor estudo dos fatores do país em que se vive. No jornal, na cátedra, na academia, deve-se levar adiante o estudo dos fatores reais do país. Basta conhecê-los, sem vendas nem disfarces; pois aquele que, por vontade ou esquecimento, deixa de lado uma parte da verdade, tomba, afinal, vítima da verdade que lhe faltou, cresce na negligência e cresce na negligência e derruba aquele que se levanta sem ela. Resolver o problema depois de conhecer seus elementos é mais fácil do que resolver o problema sem conhecê-los. Vem o homem natural, indignado e forte e derruba a justiça acumulada nos livros, porque não é administrada de acordo com as necessidades patentes do país. Conhecer é resolver. Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento, é o único modo de livrá-lo de tiranias. A universidade europeia deve dar lugar à universidade americana. (MARTÍ, 1891, p. 15-23-grifo nosso).

"Óculos Ianques", neste contexto, representa a visão ou a formação eurocêntrica de boa parte dos intelectuais da América. Foi incrível como Martí identificou uma parcela da mentalidade europeia na formação intelectual dos americanos. É crucial entender a ideia de José Martí porque ele está dizendo que se não compreendemos a nossa realidade é porque não a conhecemos. Pouco tempo atrás, os intelectuais europeus foram nossas referências, estudamos Karl Marx para definir o que é uma revolução, estudamos Jacques Rancière para saber o que é arte. Não é à toa que a Revolução Haitiana (1791-1804), por exemplo, foi marginalizada até hoje e as elites ocidentais não perdoam o Haiti pelas transformações causadas por sua revolução.

Recentemente, uma perspectiva crítica irreverente emergiu do lado de cá do Atlântico e está perturbando a geopolítica epistêmica do mundo globalizado na ótica ocidental. Esta perspectiva irreverente não é mais uma "inovação" intelectual ou modismo acadêmico, é a revitalização empoderada do pensamento anticolonialista e antirracista, visão que foi se constituindo historicamente desde 1492, ano inaugural da invasão colonialista do mundo de Abya Yala. A teoria decolonial começou a ganhar mais aura que é uma nova forma de pensar, de ver o mundo partindo da nossa realidade. Na visão do semiólogo argentino, Walter Mignolo, a pedagogia decolonial é o caminho para construir o que José Martí estava pregando desde o século XIX, uma América para os americanos, ou melhor, uma pluridiversidade de mundos que abrange o mundo dos povos

originários e os mundos das demais populações que estão até hoje resistindo ao mundo da modernidade colonialista do século 21.

Uma visão decolonial não desmerece e nem estabelece uma ruptura com os intelectuais europeus, mas é uma abordagem e uma disposição para valorizar as histórias, as vidas, os corpos, os povos e suas culturas que foram marginalizadas pelo projeto colonialista. A decolonialidade é uma atitude de engajamento e luta contra as formas contemporâneas da colonialidade do poder, do saber e do ser; é reconhecer a importância da revolução haitiana pelo que ela representa, isso não significa que não se pode mais estudar a revolução inglesa ou a francesa nas universidades da América.

Como eu mencionei, Karl Marx é, sem dúvida, uma das figuras centrais no estudo das revoluções. Para ele, no tempo moderno, a revolução é um processo histórico que sempre acontece quando existe uma sociedade dividida por classes antagônicas, como no caso das contradições que existem no sistema capitalista. Para Marx, nas sociedades modernas, a revolução é uma luta de classes, onde o proletariado se levanta contra a burguesia para abolir a propriedade privada e estabelecer uma sociedade sem classes. Na primeira parte do "Manifesto Comunista", onde se explica a inter-relação entre os proletários e a burguesia, Marx e Engels destacam que "a história de todas as sociedades até hoje é a história de lutas de classes", sugerindo que a revolução é uma constante na história da humanidade. Logo, ele ignora a questão de raça, de cor, de etnia. Assim, para Frantz Fanon (1925-1961), tal visão não poderia ser aplicada para definir ou explicar a revolução haitiana, porque:

> nas colônias, a infraestrutura econômica é igualmente uma superestrutura. A causa é consequência: o indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico. É por isso que as análises marxistas devem ser sempre ligeiramente distendidas cada vez que abordamos o problema colonial. Não há nem mesmo conceito de sociedade "pré-capitalista", bem estudado por Marx, que não exigisse ser repensado aqui. (FANON, 2022, p 29).

Eric Hobsbawm, ao estudar o período 1789-1848 em seu livro "A Era das Revoluções", entende a revolução como um processo histórico de transformação radical que envolve mudanças profundas nas estruturas políticas, sociais e econômicas de uma sociedade. Com uma visão eurocêntrica, ele considera as revoluções francesa e inglesa como marcos históricos que representam o avanço do progresso e da modernidade. Para nós aqui na América, as revoluções modernas da Europa não pretendiam abolir a escravidão, como no caso da Revolução Francesa onde os revolucionários expressaram o projeto da nova sociedade na "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão", em 1789.[8] Esta Declaração expressa claramente os direitos universais para os "homens brancos". A visão de Hobsbawm é eurocentrada, uma vez que ele confere status de universalidade para a Revolução Industrial e a revolução francesa. A única vez que São Domingos é

[8] Ver a Declaração em: https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao.

mencionado na obra, é só para dizer como a revolução francesa impactou a ex-colônia francesa e como os jacobinos ajudaram a abolição da escravidão no Haiti:

> [...]alguns meses mais tarde — aboliram a escravidão nas colônias francesas, a fim de estimular os negros de São Domingos a lutarem pela República contra os ingleses. Estas medidas obtiveram os mais amplos resultados. Na América, ajudaram a criar o primeiro grande líder revolucionário independente, Toussaint-Louverture. (HOBSBAWM, 1996 p 77).

No entanto, sabemos que a abolição da escravidão em São domingo nunca foi uma concessão, foi uma conquista e dizer que foram os Jacobinos franceses que incentivaram os capturados negros a lutar contra o sistema escravista é uma interpretação eurocêntrica que sempre procura colocar o europeu ou a Europa como centro de tudo. No seu trabalho sobre a história da colônia São Domingo, Blancpain (2016, p. 22) argumenta que "[...] em 1679 e 1680 a colônia foi desestabilizada por dois movimentos de revolta, uma sedição dos brancos contra os privilégios da companhia do Senegal e uma revolta de escravos, a primeira do gênero".

Não tenho a pretensão de desmerecer a visão de um grande pensador, uma das grandes referências mundiais como Hobsbawm e nem Karl Marx. Mas, como falei na introdução deste artigo, venho aqui para valorizar, para curar e tentar me libertar da visão eurocêntrica. A revolução Haitiana foi tão importante quanto as outras revoluções que transformaram o mundo. Para o historiador Brasileiro Marcos Morel (2017, p. 23) "o impacto da revolução do Haiti foi maior que o da revolução francesa no Brasil".

Assim, entendemos que a revolução Haitiana não foi uma imitação da revolução francesa, foi um movimento de resistência contra o colonialismo e o racismo. Foi um movimento decolonial que desafiou a ideia de progresso definida pelos padrões europeus e destituiu todas as bases ideológicas e morais que sustentavam a naturalidade do regime escravista da colonização ocidental; além disso explicitou para o mundo a necessidade de reconhecer outras formas de transformação histórica fora do mundo ocidental.

Analisando o conceito de revolução numa outra perspectiva, Frantz Fanon, em "Os Condenados da Terra" (1961), traz um outro significado da palavra a partir de uma perspectiva anticolonial/decolonial. Ele vê a violência[9] como um elemento transversal no processo de libertação dos povos colonizados. Assim, de acordo com Fanon (1968, p.25), "a descolonização é sempre um fenômeno violento. Em qualquer nível que a estudemos". Para ele,

> A violência é uma resposta inevitável e necessária contra o sistema colonial, pois "o colonizado[...] desde seu nascimento percebe claramente que este mundo estreito, semeado de interdições, não pode ser reformulado senão pela violência absoluta". (FANON, 1968. p 27).

[9] Estou me referindo ao processo revolucionário que aconteceu no Haiti, onde a colonização era violenta.

O sistema é mantido pela força e pela violência estrutural. Assim, somente uma contra violência revolucionária pode quebrar essa dominação. A violência revolucionária, nesse sentido, é destrutiva, sim. Mas é uma destruição para uma nova construção, ela permite que os colonizados recuperem sua humanidade, que foi negada pelo sistema colonial, e recriem uma nova sociedade baseada em suas próprias condições e cultura. Pois,

> Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e frequentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. (Fanon, 1961, p 28).

Olha como encontramos a explicação do processo da revolução Haitiana na visão de Frantz Fanon, diferente de Karl Marx, por exemplo, que vê a divisão de classe como fator essencial na geração de uma revolução. Assim, a teoria de Marx não poderia ser aplicada para entender a revolução haitiana. Na colônia de São Domingos, não havia uma questão de classe entre negros e brancos, mas uma questão de cor, de raça ou simplesmente de racismo. Assim, a concepção do Fanon sobre como ele percebe a revolução, explica toda a violência, todo esse ódio que alguns intelectuais e cidadãos franceses repudiaram na época e até os dias atuais; é o caso de um médico francês chamado Michel-Etienne Descourtilz que vivenciou no Haiti durante a revolução e foi sequestrado pelos revolucionários e depois foi libertado pela força armada francesa dirigida por Leclerc; ele retrata a violência de forma crua, enfatizando a brutalidade dos insurgentes negros no seu livro "*Voyage d'un naturaliste en Haiti*" (1809).

Dado o contexto da revolução Haitiana, é evidente que a definição de revolução precisa ser reconsiderada e redefinida ou ainda, não podemos definir esse conceito a partir das visões eurocentradas. Michel-Rolph Trouillot, um historiador haitiano, em "Silenciando o Passado", explica como devemos ter um outro posicionamento sobre como abordar esse conceito. Para ele, "a Revolução Haitiana exprimiu-se, sobretudo, por meio de seus atos e foi através da prática política que ela colocou em questão a filosofia ocidental e o colonialismo" (Trouillot, 2016. p 146). As revoluções devem ser analisadas em termos de mudanças políticas e sociais, sim, mas é importante que entendamos as suas implicações culturais e suas experiências históricas e as diferentes formas de opressão que motivam esses eventos. Dessa forma, a revolução haitiana desafiou as narrativas ocidentais e nos convidou a pensar decolonialmente sobre esses movimentos. Mas, é Importante ressaltar que não existe um só modelo de revolução, mas toda revolução traz consigo mudanças reais na sociedade em que ocorre, para pior ou para melhor.

As repercussões das notícias da revolução haitiana no Brasil escravista…

Em primeiro lugar, é extremamente importante destacar que antes do período 1791-1804 no Haiti, sempre tiveram revoltas, rebeliões de africanos capturados e escravizados. Também havia revoltas de escravizados nas outras colônias da América antes da revolução haitiana. Ou seja, por motivo algum o ser humano deixa de lutar pela sua liberdade. As rebeliões, revoltas ou quaisquer que sejam a forma para discordar de qualquer estrutura que proíbe ou priva um indivíduo de sua liberdade, passa a ser uma luta inevitável. A revolução haitiana teve grande impacto no mundo que seja na Europa ou América, no Brasil não foi diferente. Robert James, no seu livro sobre a revolução do Haiti, "The black jacobins", argumentou que a revolução de São Domingos teve grande influência na Europa, principalmente na França onde o evento influenciou consideravelmente o processo de abolição de escravidão nas colônias francesas pela primeira vez no período de 1793 a 1802. Assim, deduzimos que a revolução teve um impacto global.

No Brasil, não foi diferente, houve repercussões perturbadoras, particularmente onde possuía uma sociedade escravista. Ao longo do tempo, diversos historiadores vêm pesquisando sobre o impacto dessa revolução no contexto brasileiro. Importante dizer que é meio difícil encontrar historiadores brasileiros especializados no assunto igual sobre a revolução francesa e inglesa. O que mais tem, são artigos ou simples menções. Recentemente, o mundo acadêmico produziu muitos trabalhos sobre a influência da revolução haitiana no Brasil escravista. Dentre eles, os historiadores Marco Morel e Luã de Carvalho que vem produzindo alguns trabalhos sobre o assunto. Porém, nas décadas de 1980, 1990 e 2000,final do século XX e início do século XXI, vários intelectuais produziram obras sobre a luta contra a escravidão no Brasil com grandes menções das repercussões da revolução de São Domingos nessas lutas, é o caso do historiador João José Reis, no seu livro " Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês" (1986).

Em todo campo de pesquisa surgem obras e autores que se tornam marcos de referência. Sobre a História da revolução Haitiana, uma das principais referências é C.L.R James e seu livro "*The black Jacobins*". Sua obra é considerada um marco na historiografia sobre o evento. O livro foi publicado pela primeira vez em 1938 na Inglaterra, só foi traduzido pela primeira vez no Brasil no ano 2000 e publicado pela editora Boitempo. Isso mostra que a revolução dos negros de São Domingos demorou a chegar no Brasil, mas nas últimas décadas vem ganhando cada vez mais considerações no mundo acadêmico brasileiro.

Como a historiografia brasileira aborda a revolução haitiana? Pretendemos analisar obras de historiadores brasileiros para entender a conexão da revolução haitiana com o Brasil escravista, principalmente como as notícias circularam no primeiro reinado e entender os impactos dessas notícias. Contextualizando a nossa análise, vamos nos situar no período 1805-1831, ou seja, no fim

do Brasil colonial e durante o primeiro reinado, isso porque a proclamação de independência do Haiti foi feita em 1804. Assim é necessário começar a análise a partir desse período e ver como os historiadores interpretam as notícias que repercutiram num Brasil que mesmo após a sua independência, pouco mudou em relação a sua estrutura social.

Marco Morel, em sua obra "A revolução do Haiti e o Brasil escravista", explora o papel da imprensa no Brasil durante o período colonial. Analisa as notícias da revolução Haitiana que foram transmitidas, em grande parte, por meio de jornais europeus e do boca a boca, sendo que as mais importantes envolviam comerciantes, viajantes e, principalmente, os periódicos. Segundo Morel (2017, p. 199), "foi através de palavras que o exemplo da revolução do Haiti chegou, se propagou e foi reinterpretado no Brasil" *(*MOREL,2017. p 188).

A circulação de informações sobre a revolução dos escravizados no Haiti não se deu de forma aberta, dado o temor das elites coloniais de que esse tipo de levante pudesse inspirar revoltas semelhantes no Brasil, principalmente onde a população escravizada era majoritária em algumas regiões , e num país que a economia e a estrutura social dependiam do trabalho escravo. Os dados oficiais informam que "o censo de 1808 em Salvador e em treze freguesias rurais da Bahia, excluindo o sul da província, Cachoeira e Santo Amaro, apontou que havia 93.115 escravizados e 156.199 pessoas livres". Os dados demográficos informam ainda que "entre a porcentagem de 62,7% de livres ou alforriados, pouco mais de 50 mil eram brancos, enquanto 104.285 eram negros ou mulatos". (CARVALHO, 2021. p 15). Porém, apesar de todo o cuidado por parte do governo brasileiro, as notícias inevitavelmente chegaram, e o impacto dessas informações foi considerável.

> É interessante registrar que, antes mesmo dos primeiros jornais luso-brasileiros – Correio Braziliense e Gazeta do Rio de Janeiro – as notícias da Revolução do Haiti chegavam, mais rapidamente, pela transmissão oral entre setores pobres e livres da população, negros e pardos. No Rio de Janeiro, em 1805 (portanto, três anos antes do surgimento da imprensa no Brasil), houve o seguinte registro policial: O Ouvidor do Crime mandara arrancar dos peitos de alguns cabras e crioulos forros, o retrato de Desalines, Imperador dos Negros da Ilha de São Domingos. E o que é mais notável era que estes mesmos negros estavam empregados nas tropas da Milícia do Rio de Janeiro, onde manobravam habilmente a artilharia. (MOREL, 2017. p 188-189).

Conforme relatado por Morel, jornais como o "Correio Braziliense" e o "Gazeta do Rio de Janeiro" relataram eventos da revolução Haitiana de forma controlada, frequentemente minimizando o sucesso dos escravizados para evitar agitações locais, mas também não conseguiram esconder a magnitude do evento. Esses dois jornais foram dois dos principais veículos de informação à época que desempenharam papeis distintos, mas complementares, na divulgação das notícias sobre a Revolução Haitiana.

O jornal "Correio Braziliense", fundado em Londres por Hipólito da Costa (1808-1822), tinha uma postura mais liberal em relação a temas políticos, influenciado pelo contexto europeu.

Morel aponta que esse jornal publicava relatos sobre a revolução Haitiana com uma análise mais crítica, mudando de posição conforme seu interesse. Primeiramente tinha uma tendência de ocultar a revolução Haitiana, onde relataram principalmente os horrores que aconteceram durante o processo. Segundo Morel (2017, p. 189), "*Hipólito varia da ocultação ao reconhecimento*", depois passou a ter uma outra postura em relação ao fato e considerou a revolução como um evento que poderia ser uma fonte de inspiração para questionamentos sobre o sistema escravista no Brasil. Importante destacar que os jornais escreveram de acordo com os seus interesses. O jornal era anti-francês e pró-britânico, por isso "que nestas páginas do Correio Braziliense o Haiti é citado como exemplo de defesa da soberania nacional e de combate à escravidão, que também era condenada pelo jornal, seguindo neste ponto a posição emancipacionista britânica e seus interesses de expansão comercial" (MOREL, 2017, p 192).

A "Gazeta do Rio de Janeiro", criada em 1808 pelo governo português, tinha uma postura mais conservadora. Esse jornal tinha duas posições sobre a revolução, num primeiro momento "tratava-se de fustigar a França de Napoleão Bonaparte, que guerreara e ocupara Portugal, aliado da Inglaterra. Neste sentido, destacavam-se citações de derrotas militares francesas, inclusive em São Domingos" (MOREL, 2017, p 192). Independente do motivo, acabou ajudando a valorizar a revolução mesmo que a ideia fosse numa tentativa de enfraquecer a França. Morel (2017, p 193.) explica que "a partir da Restauração monárquica na França (1814–1815), a mesma Gazeta passa a enfatizar as propostas de recolonização oriunda dos antigos colonos e dos setores mais tradicionalistas da monarquia constitucional e autoritária, dedicando dois números inteiros à 'questão' do Haiti". Depois de mais de uma década da independência do Haiti, a ex-metrópole nunca desistiu da ideia de voltar a colonizar o país. A Gazeta passou a retratar os eventos do Haiti como uma ameaça à ordem e à estabilidade, e reforçou um controle maior sobre a população escravizada. Para Morel, esse periódico representava os interesses do regime, procurando minimizar o impacto das ideias revolucionárias haitianas, acentuando o grau de violências dos escravizados rebeldes e a instabilidade social e econômica no Haiti recém independente, justificando desta forma, os embargos das potenciais escravocratas e racistas.

Jornalistas e intelectuais tinham visões diferentes sobre a revolução Haitiana. Na primeira metade do século XIX, contexto das lutas de independência e ideal de conquista da soberania nacional, cada intelectual expressava suas respectivas leituras do movimento dos escravos haitianos de acordo com seu projeto de sociedade.

> Tanto no posicionamento de Hipólito da Costa quanto nos de Gonçalves Ledo e Cipriano Barata, figuras importantes na primeira geração de homens públicos e da imprensa brasileira (mas com projetos de nação e posições políticas diferentes), a referência ao processo haitiano aparece como modelo da moderna soberania nacional – não

> preferencialmente espantalho ou terror. Assinala-se, assim, a multiplicidade de percepções sobre a Revolução do Haiti. (MOREL, 2017. p 198-199).

A revolução Haitiana se apresentou como protagonista durante todo o primeiro reinado, não somente nesses dois jornais citados acima. Sempre por motivos diferentes, intelectuais, grupos organizados e jornais vão se posicionar de acordo com seu interesse e quase sempre, de acordo com sua classe social. Os escravizados e os "mulatos" entenderam a revolução como uma fonte de inspiração, como um exemplo a seguir na busca da liberdade e igualdade enquanto os escravocratas brasileiros andavam com medo e mantiveram uma posição defensiva sobre qualquer movimento desses grupos sociais. Segundo Reis (1980, p. 80-81), "Luiz Mott mostra como a ilha do Caribe representou um símbolo para suas lutas e um exemplo a ser seguido. Ao contrário do que se poderia talvez imaginar, os escravos baianos conheciam as notícias internacionais de sua época*"*. Em meio a essa atmosfera, a sociedade escravocrata brasileira começou a sentir o impacto da revolução, principalmente no comportamento dos escravizados:

> os registros indicam que em Recife e Olinda, em 1817 e 1824, passou a ser comum escravos se mostrarem insolentes ou respondões a seus senhores, mendigos dizerem desaforos às senhoras caridosas, mulatos e negros (livres ou libertos) começarem a se expandir e verbalizar a possibilidade de ocuparem mais espaço naquela sociedade" (MOREL, 2017.p 168).

Neste contexto, historiadores como Marco Morel e Luã de Carvalho falam do " Haitianismo". Luã Carvalho aprofunda a análise de como essas notícias influenciaram os movimentos internos, especialmente como elas tiveram uma grande participação na construção do "haitianismo". O conceito de "haitianismo" no Brasil escravista, especialmente durante o Primeiro Reinado (1822-1831), refere-se ao medo das elites escravocratas brasileiras de que os ideais revolucionários haitianos pudessem ser replicados no país, levando a uma revolta massiva da população negra escravizada. Como mencionei antes, em certas regiões a população negra e escravizada era maior, sendo uma das figuras públicas que alertava para os estragos que o haitianismo poderia causar no Brasil era João Maciel da Costa, presidente da província da Bahia entre 1825 e 1826. Para ele, pequenas insurreições poderiam ser contidas com certa facilidade, todavia, sociedades com grande número de escravizados corriam grande risco*."* (CARVALHO, 2021.p 81).

Segundo o historiador Luã de Carvalho, o haitianismo foi uma construção ideológica e política que refletia o temor de um levante semelhante ao da revolução Haitiana (1791-1804), ou seja, uma revolução que tenderia a exterminar os portugueses (brancos) para dar lugar a uma sociedade negra. Importante ressaltar também o uso desse medo como instrumento de controle social e repressão das manifestações de insatisfação popular e dos movimentos abolicionistas que começavam a surgir no Brasil num período que o governo Brasileiro estava tentando manter o

status quo. Preservar uma sociedade escravista e racista que privilegia uma elite branca. Por isso as elites brasileiras criaram um discurso que legitimava o uso de força para impedir qualquer tentativa de rebelião e prender qualquer pessoa suspeita de "haitianista".

> [...] As acusações possuíam ou adquiriam o caráter político, muitas vezes, ultrapassando barreiras regionais. Os acusadores eram (e são) mais difíceis de serem identificados, enquanto os acusados pelejavam para provar sua inocência da acusação de participarem em conluios ou sociedades violentas e secretas, das mais diversas formas. O contexto do período regencial, considerando a instabilidade política e as revoltas baianas, estimula as retóricas "haitianistas" com tom exacerbado ou não. (CARVALHO, 2021. p 85).

Marco Morel também analisa como a imprensa reforçava a visão de que o Haiti representava um exemplo de desordem, criando o medo de que os escravizados no Brasil poderiam se inspirar nesse modelo. Morel sugere que o haitianismo, enquanto ideologia, serviu para fortalecer a coesão das elites e justificar políticas repressivas, como a intensificação da vigilância sobre os movimentos da população negra e a criminalização de qualquer forma de organização coletiva que pudesse ameaçar a ordem estabelecida. O maior medo que sentiu a elite escravista brasileira, como apontou Morel e Carvalho, era o medo da exterminação dos brancos para construir uma sociedade igual. Morel destaca a presença desses boatos em Sergipe durante a primeira suspensão da confederação do Equador no Brasil, em 1824:

> Um pasquim anônimo (pregado nos muros e ruas com cera de abelha) na cidade de Laranjeiras, Sergipe, alertava ao comandante das Armas da província, no mesmo ano de 1824, sobre um jantar no qual se fizeram três brindes: à extinção de "tudo quanto é do Reino [Portugal]", os chamados Marotos, ou seja, a eliminação dos portugueses; ao extermínio de "tudo quanto é Branco do Brasil", chamados de "caiporas"; e à "igualdade de sangue e de direitos". (MOREL, 2017, p. 168).

Enquanto para a elite, as repercussões da revolução haitiana representavam um perigo à estabilidade social, para os escravizados e libertos, o Haiti se tornou um símbolo de resistência e emancipação, um caminho para construir uma nova sociedade sem desigualdade e escravidão. Morel destaca como as pessoas marginalizadas pela elite escravista brasileira conseguiram se organizar para fazer circular ideias da revolução. Ainda em Sergipe *"*há indícios de uma pedagogia política entre setores oprimidos do ponto de vista étnico e racial de Recife naquele momento, usando o Haiti como uma das referências – o que provavelmente estimulou a preocupação das autoridades*"*. (MOREL, 2017, p 186).

Uma figura emblemática que podemos adotar aqui para ilustrar o haitianismo no Brasil durante o primeiro reinado, é o pardo Emiliano Felipe Benicio Mundurucu (1791-1863). Foi um personagem importante no cenário político e militar brasileiro do século XIX, conhecido por sua liderança em movimentos de resistência à escravidão e pelo seu posicionamento republicano. Segundo Marco Morel, ele foi diretamente influenciado pelos ideais revolucionários haitianos,

especialmente no que diz respeito à luta pela liberdade e igualdade racial. Para Morel, "Poucos personagens encarnaram no Brasil a proximidade com o exemplo da revolução do Haiti como Emiliano Felipe Benício Mundurucu" (MOREL, 2017. p 163). A revolução Haitiana serviu como um exemplo inspirador para ele, que viu na revolução dos haitianos uma possibilidade concreta de transformação social no Brasil. Mundurucu se posicionou abertamente contra o sistema escravista. O seu grupo cantou essa canção nas ruas de Recife, *no dia 22 de junho de 1824:*

> *Qual eu imito a Cristóvão,*
> *Esse Imortal Haitiano,*
> *Eia! Imitai ao seu Povo,*
> *Ó meu Povo soberano!*
> (MOREL, 2017. p 164).

Assim, podemos compreender como a revolução haitiana teve um destaque muito considerável e consciente no Brasil escravista. Mundurucu sabia do perigo do seu posicionamento, mas ele foi convencido que o exemplo haitiano era uma das melhores alternativas para resolver a questão da escravidão no Brasil e dar um fim a questão da hierarquia racial.

A revolução Haitiana nos livros didáticos no Brasil

Um livro didático é um material pedagógico muito utilizado no processo de aprendizagem, elaborado com o objetivo de fornecer conteúdo sistematizado para o desenvolvimento do conhecimento em diferentes áreas; ele serve como uma mediação entre os alunos e os conceitos acadêmicos. Mas, muitos intelectuais brasileiros adotam uma postura crítica em relação a livros didáticos por seu caráter comercial, como é o caso da historiadora Brasileira Circe Bittencourt. No seu ponto de vista,

> Como produto cultural fabricado por técnicos que determinam seus aspectos materiais, o livro didático caracteriza-se, nessa dimensão material, por ser uma mercadoria ligada ao mundo editorial e à lógica da indústria cultural do sistema capitalista. *(*BITTENCOURT, 2008. p 301).

Historiadores como Henrique Zanelatto, por sua vez, criticam a forma acrítica de alguns docentes que não percebem a ideologia por trás desses livros; lembra que o livro é escrito por sujeitos que estão inseridos num determinado contexto histórico. Assim, as escolhas dos conteúdos, o espaço de cada assunto no livro não deve fugir da ideologia e perspectiva de mundo desses sujeitos.

> [...] Sendo produzidos materiais que passam a contrariar a lógica do pensamento histórico, pois, na maioria das vezes, eles fornecem aos alunos uma concepção de História única, não proporcionando a eles formas de exercer o raciocínio lógico e as múltiplas capacidades criativas. Isso contribui diretamente para a afirmação do estereótipo de que esse material é algo sacralizado, o qual não deve ser questionado. Isso ocorre porque os livros didáticos não são historicizados, ou seja, na maioria dos casos, tanto os autores quanto os professores não pensam tal material como sendo uma das várias interpretações possíveis. (Zanelatto e

Rayane, 2020).

Para Bittencourt e Zanelatto, o livro didático é uma ferramenta muito importante, apesar de seus limites. Para Bittencourt "o livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza e é nesse sentido que precisa ser avaliado." (BITTENCOURT,2008. p 300-301). Assim, fugimos da ideia de um livro didático perfeito. Deixamos claro aqui que o livro didático é um instrumento ideológico. Cada participante na construção do livro deixa um pouco da sua ideologia, por isso ele sempre será objeto de crítica porque nem todos partilham a mesma visão de mundo. Seguindo essa linha de raciocínio, não faremos uma análise com o objetivo de desvalorizar tal ferramenta, mas vamos só procurar entender o espaço da revolução Haitiana e sua interpretação. No caso da revolução Haitiana, um evento tão importante para a história das Américas e para a compreensão da luta contra o sistema escravista, racista e colonial, a forma como ela é apresentada no contexto escolar pode influenciar a percepção dos estudantes sobre temas como a escravidão, a luta por liberdade e os processos revolucionários etc.

A Revolução Haitiana, ocorrida entre 1791 e 1804, foi a única revolução de capturados Africanos e escravizados na América que resultou na formação de um Estado independente liderado por eles mesmos. Trata-se de um evento único e de grande relevância, pois representou uma ruptura no sistema escravocrata e colonialista da época, impactando o mundo atlântico, incluindo o Brasil. Uma análise crítica de livros didáticos nos permitirá avaliar como essa revolução, que desafiou o poder colonial francês e a ordem escravista no mundo Atlântico, é narrada e qual é o espaço que ela ocupa no livro.

Para realizar este trabalho, analisamos dois livros didáticos de história do 8º ano fundamental. Foram dois livros publicados em 2022 e aprovados pelo PNLD (Programa Nacional de Livros didáticos). O primeiro livro é "Jovem Sapiens História: 8 ano". Foi publicado pela editora Scipione em São Paulo e foi escrito por Adriana Machado Dias, historiadora; Keila Grinberg, doutora em história social e Marco Cesar Pellegrini, também historiador. Como podemos observar, é um livro de história escrito por historiadores/as. O segundo livro didático é "História Doc: 8º ano". Foi publicado pela editora Saraiva Educação, em São Paulo. Este material foi escrito por Ronaldo Vainfas, que é doutor em história social; Jorge Luiz Ferreira que também é doutor em história social; Sheila Siqueira de Castro Faria, doutora em história e Daniela Buono Calainho, também doutora em história. O segundo também foi escrito por historiadores/as, mas que apresentam uma melhor compreensão em relação aos primeiros profissionais apresentados. Uma observação interessante aqui, a maioria desses profissionais se formaram em São Paulo ou Rio de Janeiro, com exceção de Marco Cesar e Adriana Machado, que se formaram no Paraná.

Começamos com o livro "Jovem Sapiens". Neste livro, a revolução Haitiana entrou no capítulo 6: "As independências na América espanhola". O capítulo tem somente 3 páginas dedicadas ao tema, sendo uma para atividade. A revolução Haitiana é abordada de maneira informativa, sem explicação e detalhes sobre nada. Não tem uma explicação do que poderia causar a revolução. Ao contrário, os autores já começaram a dizer que foi sobre a influência da revolução francesa que os escravizados haitianos passaram a defender a ideia de liberdade e foi a partir de 1791 que eclodiu vários movimentos revoltosos. Com base na obra do historiador Blancpain, vimos que essa visão não tem fundamento. O livro apresenta uma visão eurocêntrica, pois não reconhece o movimento revolucionário negro que aconteceu na América liderado por pessoas escravizadas. Concebe a revolução haitiana a partir da revolução francesa, ou seja, mais um livro que coloca a experiência europeia como universal.

O livro apresenta 3 imagens do período da revolução haitiana. A primeira imagem, que é uma cena de combate entre os revolucionários haitianos e os soldados franceses, é uma imagem não que não está muito clara e que pode dificultar um possível debate em sala de aula. A segunda imagem é um retrato de Toussaint L'ouverture (um dos líderes da revolução) sobre um cavalo que ao meu ver, representa uma imagem de poder; um retrato de Jean Jacques Dessalines, outro importante líder da revolução; e os revolucionários que conseguiram vencer a força armada francesa sobre seu comando. Importante dizer que Jean Jacques Dessalines é pouco conhecido no mundo ocidental por um motivo ou outro, mas ele é a memória mais respeitada pelo povo Haitiano, ele é considerado o pai da nação.

A terceira página contém a atividade sobre o assunto. Tem duas atividades na página, a primeira é um texto onde o aluno deve ler com atenção e depois responder as perguntas. O texto é meio desconectado das duas primeiras páginas, isso porque faltava informações na introdução do assunto. E por fim, a segunda pergunta é uma análise de uma nota de dinheiro haitiano (gourdes), onde tem a figura de uma mulher haitiana sobre a nota. Os alunos deveriam pesquisar quem é a mulher.[10] Essa segunda atividade é uma importante estratégia pedagógica, pois motiva os alunos a pensar sobre a invisibilidade ou exclusão das mulheres na história escrita e nos lugares de memória. Por meio da atividade de pesquisa, os alunos iriam descobrir quem era essa mulher, e, consequentemente, iriam descobrir que a luta pela independência do Haiti não foi feita somente por homens, mas várias mulheres lutaram com armas na mão nesse processo revolucionário.

No livro "História.Doc" a revolução haitiana é apresentada no capítulo 4: "Américas

[10] A mulher na nota de 10 *gourdes* é Catherine Flon (1772-1831), ela participou ativamente da luta revolucionário e costurou a primeira bandeira do Haiti em 1803. Ver: https://enslaved.org/fullStory/16-23-126810/.

independentes", também com apenas 3 páginas. Os autores começam contextualizando a colônia Saint Domingue (atual Haiti), fazem um panorama sobre a época e o que era, uma introdução que pode deixar claro do que se trata para os alunos. A forma como é tratado o assunto neste livro dá impressão que os autores têm certo domínio sobre o assunto. O livro aborda o impacto da revolução francesa sobre a revolução haitiana, mas explica que aquela só "acendeu o pavio", ou seja, a revolução francesa serviu como um incentivo a mais e não como a origem do movimento dos haitianos. O livro aborda a história do Haiti de forma muito geral, usando parágrafos curtos e informativos, sem conexões reflexivas com outras fontes. Na realidade, não tem como explicar um processo tão complexo como a revolução haitiana em apenas 3 páginas, diferentemente da revolução francesa que ganha um capítulo explicando cada etapa dessa revolução. Neste livro, os autores não mencionam se a revolução haitiana teve impacto na América ou não. A singularidade neste livro é que deixou um espaço para falar sobre o Vodu[11], que é uma das primeiras religiões dos haitianos que foi um fator importante na guerra de independência.

O livro apresenta 3 imagens. A primeira imagem é um mapa do caribe onde podemos ver o território de Saint Domingue. Pela imagem, o aluno pode localizar o Haiti e ver que fica na América. A segunda imagem é um retrato de Toussaint L'ouverture, apresentado como uma personagem diferenciada e privilegiada em relação aos outros negros na colônia. Parece que o livro não tem a intenção de apresentar Toussaint como o principal líder da revolução, mas não informa também que ele não foi o pioneiro nesse processo. Portanto, do jeito que é apresentado o Toussaint vai gerar debates e pesquisas da parte do docente e os alunos, já que segundo o livro, Toussaint permaneceu leal a França e ele lutou somente contra escravidão e não pela independência. Agora, se o líder apresentado pelos autores não lutou pela independência, por que o Haiti passou a ser independente? É aqui que vamos entender a importância do reconhecimento do Jean Jacques Dessalines, o líder haitiano que liderou as guerras pela independência. A terceira imagem é um retrato de uma cena de combate onde os revolucionários haitianos estão lutando a pé e alguns soldados franceses sobre cavalos, é uma imagem que pode mostrar a resiliência e a determinação desses revolucionários de lutar por uma causa justa, lutar pela suas liberdades.

O livro não propõe atividades que estimulem um pensamento crítico. Apesar disso, as atividades aparecem no final do capítulo, tem só 3 perguntas sobre a revolução haitiana e uma delas é totalmente desligada do conteúdo apresentado. A primeira pergunta é sobre a relação do Toussaint com a revolução; é uma pergunta que não ajuda o aluno a pensar, criticar e refletir, basta ler o texto para achar a resposta. A segunda é uma atividade de pesquisa sobre a trajetória de Henri Christophe (líder que se tornou rei da parte norte do Haiti em 1811). O que os autores queriam mostrar com

[11] O vodu é a religião mais popular no Haiti.

essa pesquisa, qual é o objetivo deles? A terceira atividade é uma atividade talvez desnecessária porque reforça estereótipos sobre o povo haitiano; é uma foto feita durante o terremoto que aconteceu no sul do Haiti em 2021, onde tem umas pessoas numa grande fila atrás de um caminhão, provavelmente distribuindo comida, e um soldado observando a fila. Uma interpretação acrítica da imagem apresentada pode sugerir o fracasso dos governos haitianos desde a independência até hoje. Por que essa imagem no contexto da apresentação da revolução haitiana? Terremoto acontece em todo lugar e depois de uma catástrofe assim, as pessoas sempre necessitam de comidas, mas o que essa foto tem a ver com o fracasso do Haiti economicamente? Dito isso, o livro conscientemente ou inconscientemente reforça estereótipos sobre o povo haitiano.

Nos dois livros, a revolução Haitiana entra em segundo plano. Diferentemente da revolução Francesa e a revolução industrial, que tem cada uma, um capítulo dedicado a elas. Isso deixou claro que essas revoluções são mais importantes para os autores e as editoras. Como Bittencourt mencionou, o livro didático é limitado, por isso que o professor não deve usá-lo como uma verdade absoluta e nem como único recurso didático. Ao escolher um livro didático, deveríamos pensar primeiro qual é a sociedade que queremos construir? Num mundo onde o racismo está tão presente nas sociedades, onde o capitalismo e o fascismo estão cada vez mais presente, é preciso trazer outras discussões, falar mais de alguns assuntos com objetivo de construir uma sociedade mais justa e igualitária, uma sociedade antirracista. Talvez, a revolução Haitiana poderia ser trabalhada nessa perspectiva antirracista, onde esse fato poderia ser um exemplo de que os povos negros não só eram escravizados, mas eles foram também grandes revolucionários que tiveram um papel predominante para o fim do regime escravista do mundo moderno. Segundo Circe Bittencourt,

> a história das populações negras tal como aparece nos livros didáticos é igualmente objeto de investigação dos pesquisadores. Existem análises recentes, conforme o levantamento de Fúlvia Rosenberg, sobre a temática do racismo em livros didáticos brasileiros. A pesquisa de Marco Antônio de Oliveira, por exemplo, mostra as renovações de temas e abordagens da história da população de origem africana ocorridas nos livros didáticos a partir da mobilização dos movimentos negros e de sua atuação política, concluindo que a produção historiográfica continua insistindo sobre o período da escravidão e pouco se dedicando à pós-abolição - e à atuação e lutas da época posterior dessa população na história do século XX no Brasil. (BITTENCOURT, 2008. p 305-306).

Assim, a revolução Haitiana poderia ocupar uma parte desse novo espaço nos livros didáticos. Um espaço de ruptura entre velhas representações do povo negro e novas representações. Como estudante negro e imigrante haitiano, me sinto mais a vontade de falar sobre as resistências das populações negras no mundo do que falar sobre as práticas da escravidão, ou seja, não pretendo dizer aqui que não devemos mais falar sobre esse período na nossa história, mas eu estou dizendo que tem coisas mais importantes e que poderia ajudar mais na construção de uma educação

antirracista.

Considerações finais

A revolução Haitiana deixou o mundo ocidental "toutouni[12]" (nu), foi um evento que colocou os grandes iluministas europeus cara a cara com as suas contradições. Os revolucionários Haitianos desafiaram a ciência do século XIX, mostraram como a ciência pode ser manipulada para defender interesses dos grupos dominantes. A análise da Revolução Haitiana a partir de suas conexões com o Brasil escravista e sua presença no ensino brasileiro revela a complexidade das interações entre história, historiografia e ensino. No primeiro tópico, ao tentar entender o conceito de revolução a partir de duas visões, a ocidental e a perspectiva decolonial, percebemos como a narrativa histórica dominante frequentemente marginaliza ou silencia eventos como a revolução Haitiana, que questionam as bases da modernidade ocidental, o iluminismo e o liberalismo. A perspectiva decolonial, ao contrário, ressignifica a importância do Haiti nos debates sobre direitos humanos, cidadania e emancipação dos povos que foram colonizados, e provoca uma postura crítica às contradições do pensamento iluminista.

No segundo tópico, sobre as repercussões da revolução no Brasil escravista, ficou evidente que houve impacto na sociedade brasileira do século XIX, tanto nos espaços elitistas quanto no dos escravizados e "pessoas de cor livre". Enquanto as elites brasileiras viam o movimento dos revolucionários haitianos como uma ameaça ao sistema escravista, setores da população escravizada e marginalizada tinham uma posição contrária, essa camada da sociedade entendeu a revolução como fonte de inspiração e esperança de liberdade. Este dualismo, entre o medo das elites e a inspiração para os oprimidos, repercutiu por todo o Brasil, alimentando tensões sociais e contribuindo para uma reavaliação do próprio sistema escravista como vimos no texto. E, o mais surpreendente é como após a independência do Brasil, alguns intelectuais brasileiros fizeram uso da revolução no cenário político, que às vezes apresenta o feito dos revolucionários haitianos como exemplo de soberania nacional[13].Em seguida, analisamos a representação da revolução Haitiana nos livros didáticos do século XXI, revelando uma tímida inclusão desse evento na narrativa histórica brasileira. Embora haja um avanço em relação ao apagamento histórico observado em décadas anteriores, a revolução Haitiana ainda é, muitas vezes, tratada de forma superficial ou descontextualizada, como vimos na nossa análise nos livros didáticos apresentados. Poderíamos perguntar, por que esse desinteresse sobre a revolução do Haiti ou sobre a história do Haiti? Esse

[12] Toutouni é uma palavra haitiana que significa " sem roupas". Mas, é uma expressão também que significa " uma pessoa, coisa que acaba de ser descoberta, ou seja, que não consegue esconder mais nada".
[13] MOREL, Marco. A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: o que não deve ser dito. Ed: Jundiaí, SP: Paco, 2017,p 186-200.

desinteresse entra no processo de silenciamento ou é apenas mais uma negligência acadêmica eurocentrista que ainda não reconhece a importância da revolução haitiana na derrota do regime colonialista escravista na América? Essa representação limitada reflete a necessidade de uma abordagem mais crítica e aprofundada no ensino de história, que vai além da simples menção em 3 páginas do evento e explore suas implicações para a história do Brasil e do mundo atlântico e sobre tudo, a sua importância para uma educação antirracista.

Assim, deduzimos que a revolução Haitiana deixou marcas profundas na sociedade escravista brasileira, e o Haiti é mais próximo do Brasil do que poderíamos imaginar. Seja através de suas culturas, suas histórias e seus povos. O movimento oferece ricas lições para o ensino de história. Estudar a revolução haitiana, é mudar a nossa visão sobre o século XIX, é descobrir as contradições do iluminismo e a declaração dos direitos humanos durante a revolução francesa e americana, é também entender as limitações da revolução Americana. Compreender essa revolução sob uma perspectiva decolonial e reconhecer sua importância global permite a construção de uma narrativa mais inclusiva, que dá voz aos oprimidos na história e contribui para uma educação que valorize as lutas pela liberdade e igualdade.

Propor outras possibilidades de pesquisa que contradizem e transcendem a narrativa universalista da história ocidental, pode propiciar uma experiência cognitiva libertadora. Sobre o tema em questão, a primeira possibilidade seria uma pesquisa sobre o papel das mulheres durante o processo da revolução Haitiana. As revolucionarias Haitianas lutaram iguais aos homens nas zonas de combate, os haitianos homenageiam várias heroínas cujo seus legados são fontes de inspiração para o movimento feminista no Haiti. Outra possibilidade de pesquisa seria a implicação do Haiti no processo de independência da América Latina. A partir dessa pesquisa, descobrimos que a revolução haitiana teve um impacto global, seria bem interessante um estudo que aprofunda mais suas influências nos países mais próximos, ou ainda na América.[14]

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. A população do Haiti entre 1950 e 2010. EcoDebate, 01/03/2023. Disponível em: https://www.ecodebate.com.br/2023/03/01/a-populacao-do-haiti-entre-1950-e-2100/. Acesso em: 04 nov. 2024.

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

[14] Ver Blog de História Haitiana - https://haitianhistory.tumblr.com/bibliography

BLANCPAIN, François. Histoire de Saint Domingue Haïti. Matoury, Guyanne: Ibis Rouge, 2016.

C.L.R. James. Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo, Boitempo, 2010).

CARVALHO, Luã Pedro Rocha. O Haiti e a Bahia: as representações da primeira nação negra da américa nos jornais baianos do século xix (1831-1853) / Luã Pedro Rocha Carvalho. – 2021. 120 f.: il.

DIAS, Adriana Machado. Jovem Sapiens História : 8º ano / Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. -- 1. ed. -- São Paulo : Scipione, 2022.

DUFART, Père. Voyage d'un naturaliste, et ses observations. Éditeur: Libraire. Paris, 1809.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. O manifesto comunista. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. 65 p.

FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. Tradução Letícia Mei; prefácio Angela Davis; posfácio Guilherme Moura Fagundes. – São Paulo: Ubu Editora, 2022. / 320 pp. isbn 978 65 86497 96 0.

HOBSBAWM, Eric J. A era das revoluções: Europa 1789-1848. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JULIEN, Jean. Coleção 2004 sobre a história do Haiti. Disponível https://www.youtube.com/live/-Fh4XB9ZmZo?si=UtJN1H_2CpPlgKOs

Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. -- 1. ed. -- São Paulo : Scipione, 2022. .(Jovem Sapiens).

HUNT, Lynn. A invenção dos direitos humanos. Tradução: Rosaura Eichenberg. Editora: Companhia das Letras. São Paulo, 2009.

MARTÍ, José. Nossa América. Tradução de Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983.254p. p:194-201

MOREL, Marcos. A revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito. Jundiaí, SP: Paco, 2017.

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil, a história do levante dos malês (1835). Ed: Brasiliense. São Paulo,1986.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

TROUILLOT, Michel-Rolph.Silenciando o passado: poder e a produção da história. Tradução de Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2016.

VAINFAS, Ronaldo [et al]. História.doc: 8º ano. 3.ed. São Paulo: Saraiva Educação S.A., 2022. (História.doc).

VANDERLEI, Silva karlina e HENRIQUE Silva Maciel. Dicionário de conceitos históricos. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009.

ZANELATTO, João Henrique e LAYRA, Rayane De Souza. Os trabalhadores nos livros didáticos de história na segunda república (1930-1945). Ed: Educação em revista. Belo Horizonte. 2020.

unesc

História